

---

# PALAVRA LIVRE

---

REALIZAÇÃO SIND UTE – 21/02/97

## REPROVAÇÃO / AVALIAÇÃO / ESCOLA PLURAL

Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben\*

### INTRODUÇÃO

A Rede Municipal de Belo Horizonte sempre teve uma participação forte na história dos movimentos de redemocratização do país, em especial, da escola e das relações sociais na escola. Uma série de conquistas vêm se dando e com elas temos podido perceber inúmeras mudanças no cenário da escola. Considero que esse movimento docente tem sido vitorioso e com ele temos aprendido a nos organizar, criamos as nossas entidades de classe, apresentamos à sociedade uma outra face da escola e dos profissionais da educação; apresentamos uma escola que luta por direitos, que se mobiliza e que se posiciona politicamente.

Em síntese, eu poderia dizer que essa luta toda tem se travado porque, na verdade, o que temos feito é **REPROVAR** um determinado tipo de escola.

---

\* FAE, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.

- ♦ **REPROVAMOS** a quantidade de escolas e lutamos por mais escolas.
- ♦ **REPROVAMOS** as nossas condições de trabalho e lutamos pela contratação através de concursos públicos, por melhores salários, por remuneração de horas para preparação de aula.
- ♦ **REPROVAMOS** a organização centralizada da escola e lutamos pela gestão colegiada e pela eleição de diretores.
- ♦ **REPROVAMOS** os resultados da escola, presentes na evasão e na repetência, e lutamos por mais espaços de Conselhos de Classe e por Projetos Pedagógicos mais ousados.

Tudo isso exigia uma nova escola e fomos tentando, uma escola aqui, outra acolá. Não posso discordar, por tudo isso, dos documentos da Escola Plural, que afirmam que a proposta emergiu do próprio movimento docente.

Começamos por nos organizarmos enquanto categoria, chegamos dentro da escola e organizamos a casa centrando no coletivo e agora chegamos na sala de aula. A **ESCOLA PLURAL** está aí.

## O QUE É REPROVAR?

Reprovamos em função de um referencial que é dado enquanto padrão de qualidade. O sentido da avaliação embutido nessa perspectiva está centrado no produto. Você compara, mede, classifica, seleciona, aprova ou reprova, em função do referencial idealizado. Isto significa que existe algo pronto, já organizado, que está estabelecido e que deve ser espelhado.

É o que fazemos normalmente na sala de aula. Existe algo já definido, um tipo de conteúdo a ser transmitido, uma forma de transmissão considerada adequada, conteúdos divididos em partes previamente traçadas, com tempos organizados para tal; existe aquele que sabe da forma que deve ser sabida, que é o professor e em quem todos devem se espelhar para saber igual. E então, avaliamos.

Escolhemos uma forma também adequada - geralmente as provas, ou exercícios escritos, ou trabalhos escritos ou apresentados em sala de aula. Escolhemos, também, até o momento adequado de se avaliar; se possível, todo mundo na mesma época, numa mesma semana. A SEMANA DA PROVAÇÃO. Comparamos o desempenho do aluno com aquele desempenho esperado por nós. APROVAMOS OU REPROVAMOS.

E existe um detalhe: sempre aprovamos aqueles que mais se assemelham a nós. Aqueles que demonstram as nossas qualidades, aquilo que consideramos academicamente correto. Aprovamos aqueles que, na verdade, reproduzem a escola do jeito que ela já é, que persiste há tantos séculos. A escola, através da avaliação, mantém-se a si própria, realimenta seus valores, sua prática e se fecha ao novo e à mudança.

Pois bem, é aí que as coisas se complicam. No caso da escola brasileira, por exemplo, o sentido da reprovação tem sido bastante penoso para a grande maioria das crianças e jovens, especialmente os das camadas populares. Reprovamos às vezes no referencial de apenas uma disciplina e, sempre, no referencial do conteúdo.

O nosso aluno pode se desenvolver enquanto gente, enquanto um sujeito que vive e que pensa sobre a vida, mas nós nem sabemos que isso está acontecendo, porque na prática da escola essas vivências não interessam.

Centralizamos o nosso papel no processo de transmissão do conteúdo e o nosso referencial para aprovar ou reprovar tem sido esse conteúdo. E, o que é mais sério, pensamos que esse referencial é o único correto, porque justificamos nossos atos a partir da importância da ciência na nossa vida.

Pois bem, quando nos justificamos dessa forma estamos nos referenciando ao início da modernidade, quando a ciência se colocou como a mola mestra para a transformação social. Ela significava o progresso, as possibilidades de liberdade e de igualdade. Estava acoplada ao real e significava o instrumento verdadeiro e privilegiado da ação. A sua importância na vida das pessoas passou a influenciar as motivações, o sistema de valores, as atitudes e as maneiras de considerar e de resolver os problemas.

A modernidade trouxe a escola, a instituição que teria como função a transmissão desse saber de tal importância. A escola teria também o papel de difundir a metodologia de criação dessa ciência e se organizaria a partir dessas bases.

### Quais bases?

- ♦ A teoria se desenvolve em ligação estreita com a prática, com a observação direta e com a experimentação.
- ♦ A ciência desconfia sistematicamente das evidências da experiência imediata.
- ♦ O conhecimento científico avança pela observação livre, embora sistemática e **rigorosa**, dos fenômenos naturais.

A escola se esqueceu destas bases e se apegou à necessidade de rigor para a transmissão da ciência.

## O que é o rigor científico?

- ♦ A matemática entra como o instrumento privilegiado de análise. Conhecer é quantificar e o rigor afere-se pela medição. O que não é quantificável não é cientificamente relevante.
- ♦ O mundo é complexo e deve ser dividido e classificado para ser conhecido.

A escola então se organiza com base nesse rigor. Ela divide as ciências para transmitir. Ela compara e quantifica o desenvolvimento dos alunos. Ela aprova ou reprova em função desse modelo.

E ela não percebe o que está perdendo a seu redor. Ela não enxerga a riqueza das diferenças e a complexidade das vivências.

Pois bem, o próprio rigor das ciências permitiu o seu desenvolvimento, mas permitiu que a explosão de objetividade expulsasse as qualidades sensíveis do mundo, expulsasse a subjetividade e a própria vida.

Quando contemplamos as conquistas da ciência e da tecnologia do nosso século ficamos atordoados com as possibilidades que elas nos apresentam, mas, quando contemplamos a miséria, o sofrimento, a opressão e a degradação do próprio homem, ficamos perplexos.

E então questionamos a nós mesmos. Questionamos as formas que, freqüentemente, usamos em nossas lutas. Questionamos:

- ♦ o tipo de luta pela igualdade e pela liberdade, através da transmissão de um determinado tipo de saber;
- ♦ o tipo de luta pela cidadania que temos travado até agora;
- ♦ a validade e a objetividade do conhecimento científico conforme bases a-históricas, ordenado hierarquicamente e com fronteiras disciplinares;
- ♦ a separação entre aquilo que é considerado “alta cultura” e “baixa cultura”;

- ♦ o silêncio de vozes marginalizadas ou excluídas por questões de raça, gênero, idade, profissão, função dentro da própria escola ou, como o documento da Escola Plural lembra: excluídos por ritmo de aprendizagem.

Questionamos a própria escola que está aí e questionamos a positividade da estrutura social e da ideologia do dom e do mérito que sempre fundamentou a avaliação da escola e os processos de reprovação produzidos por ela.

Acredito que, quando falei no início que em nossas lutas REPROVAMOS a escola que está aí, na verdade, estávamos reprovando tudo isso.

Entretanto, é difícil mudar de referencial. É difícil ir contra a tradição de tantos séculos. É difícil ir contra o próprio valor da ciência na nossa sociedade.

Considero que o momento atual tem sido profícuo para o debate da escola e do processo educativo. Quebramos os quadros de referência únicos, saturados de dominação social e política, e nos abrimos a uma reflexão crítica, aos porquês das coisas. Passamos a estabelecer um diálogo mais amplo entre as possibilidades do educativo e encontramos novamente a própria vida como fonte de conhecimento. A prática monoculturalista da escola, com a transmissão desigual de saberes e promotora dos fracassos escolares, passou a não nos satisfazer mais. Precisávamos conhecer. Conhecer quem está do outro lado, conhecer o nosso aluno, o que ele traz, o que ele sabe. Precisávamos re-significar o saber escolar.

Nesse sentido, avaliar não se refere mais a um processo de julgamento, mas refere-se a um processo de conhecimento, de investigação. Avaliamos para produzir o saber. O saber sobre o nosso aluno, sobre o processo de aprendizagem, sobre o processo de ensino. Avaliamos para estabelecer a relação entre o conhecimento que detemos e o conhecimento que o outro detém, sobre as possibilidades de se conhecer mais e de criar novas formas para isso.

Avaliamos para reorientar o ensino, para gerar mais aprendizagem, para ajudar o aluno a se conhecer, conhecer as suas possibilidades, seus pontos fortes e fracos, conhecer suas necessidades para redimensionar suas estratégias de estudo. Avaliamos para auxiliar a escola a reconhecer-se frente ao projeto político-pedagógico que a sua prática cotidiana vem construindo.

Ora, mudar a concepção de avaliação é mudar de referencial, é mudar tudo. Isso não é fácil. É ver, de repente, as nossas crenças sendo jogadas fora, é ter o aluno ocupando o lugar que sempre foi ocupado por nós e tendo vez e voz, é quebrar os mecanismos de autoridade, já cristalizados no cotidiano, como as provas relâmpago, as notas baixas. É sentir que, de repente, estão nos tirando o tapete

Mas, será que não vale a pena? Quantas vezes reclamamos que os nossos alunos não estudam, não fazem os deveres, não levam os materiais para a escola, reclamamos da indisciplina, dos alunos que nos tratam mal, que não respeitam os espaços da escola.

Fico pensando que é muito mais difícil jogar em time oposto ao do aluno do que jogar procurando o mesmo alvo. Todos estamos num mesmo barco. Por que remar ao contrário? Por que não dar espaço aos nossos alunos para que eles nos mostrem o que vêm fazendo? Existem tantos adolescentes que já são pais, que trabalham, que ajudam na organização da casa, que passam por experiências dolorosas com os familiares.

O disciplinamento que a escola confere aos seus tempos e espaços, a organização limitada de seus conteúdos, têm dificultado a construção da identidade dos jovens e também dos professores. A escola tem reprovado os jovens, mas tem nos reprovado enquanto profissionais também. Quantos de nós, professores, sabemos que sabemos muito mais do que aquele conteúdo que repassamos nas aulas? Não nos permitimos ser nós mesmos nas salas de aula, ficamos encolhidos no pedacinho do saber que a nossa disciplina nos conferiu.

Deixamos de conhecer o aluno, mas deixamos de nos conhecer também, deixamos de conhecer a nossa capacidade de produzir um saber sobre o próprio ensino da nossa disciplina.

Acredito que esta reviravolta que estamos vivendo será fundamental para reconquistarmos o nosso espaço social, enquanto profissionais que prestam um serviço fundamental à sociedade.

Recuperaremos a função do saber, sem perder de vista a vida. A escola tem que reconquistar a sua capacidade de conhecer, de compreender, de problematizar e de produzir a sua própria existência e a daqueles que dela fazem parte. Precisamos reconquistar a capacidade formadora dos conteúdos veiculados pela escola a partir da resignificação das nossas atividades rotineiras. Precisamos re-estabelecer o diálogo com a vida, com a experiência prática, com a observação, com a experimentação do novo. Quem sabe, não só inventar uma nova escola, mas inventar uma nova ciência. É esse o nosso desafio!